



Terra Santa 2000

SAÍDAS PROGRAMADAS PARA O ANO DO JUBILEU

ROTEIRO	ORIENTADOR	SAÍDA
<i>Itália, Egito e Israel</i>	<i>Pe Chico</i>	<i>10/01/2000</i>
<i>Jubileu da Vida Consagrada</i>	-	<i>27/01/2000</i>
<i>Portugal, Itália e Israel</i>	<i>Pe Carlos Gustavo Haas</i>	<i>01/02/2000</i>
<i>Portugal, Itália e Israel</i>	<i>Dom Aloisio Sinésio Bohm</i>	<i>01/02/2000</i>
<i>Portugal, Itália e Israel</i>	<i>Pe Sidney da Silva Grudzien</i>	<i>04/02/2000</i>
<i>Portugal, Itália e Israel</i>	<i>Pe Gelson Luiz F. Ferreira</i>	<i>04/02/2000</i>
<i>Egito, Israel, Itália opc Medjugorje</i>	<i>Pe Aloysio I. Flach</i>	<i>06/02/2000</i>
<i>Israel e Itália opc Medjugorje</i>	<i>Dom Murilo Krieger</i>	<i>07/02/2000</i>
<i>Itália</i>	<i>Org. Josiane Valentim/ Cenira R. da Silva</i>	<i>Março de 2000</i>
<i>Itália, Egito e Israel</i>	<i>Pastor Arno Paganelli</i>	<i>21/04/2000</i>
<i>Itália, Egito e Israel</i>	<i>Pe Edson de Souza Miller e Pe Paulo Herdt</i>	<i>11/05/2000</i>
<i>Itália, Egito e Israel</i>	<i>Pe Vitor G. Feller e Pe Marcio A. Vignoli</i>	<i>08/06/2000</i>
<i>Itália, Áustria, Alemanha, França, Espanha, Portugal e Luxemburgo</i>	<i>Pe Valdemar Goh</i>	<i>04/06/2000</i>
<i>Itália, Egito, Israel e Portugal</i>	<i>Pe Pedro J. Koehler</i>	<i>25/04/2000</i>
<i>Itália e Israel</i>	<i>Pe Nélio Schwanke e Pe Luiz A. Caon</i>	<i>15/10/2000</i>

ORIENTAMOS A FORMAÇÃO DE SEU GRUPO

CONSULTE PARCELAMENTOS ESPECIAIS S/ JUROS OU FINANCIAMENTO

Mark Tur

VIAGENS E TURISMO

Rua Marcos Rovaris, 262 Sl 02
Criciúma SC
Fone Fax 048 433 4011

Rua Anita Garibaldi, 60 Sl 21
Florianópolis SC
Fone 048 223 5597 Fax 048 223 5011

ENTON ROS
Teológicos

Aprofundando o slogan da CF-2000, este artigo oferece abundantes dados sócio-econômicos da situação mundial e nacional deste início do Novo Milênio, abordando os "deixados por conta", a "poluição e deterioração dos recursos", os "três grandes desafios", a "lógica social capitalista", o "império das coisas", o "neo-individualismo", o "poder-dominação", e conclui propondo "um novo paradigma civilizacional", rumo a uma "ética da responsabilidade, da compaixão e do cuidado".

POR UM MILÊNIO SEM EXCLUSÕES

O desafio da construção da Igualdade

Inácio Neutzling, SJ

Doutor em Teologia Moral Social, Professor de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da UNISINOS, São Leopoldo, RS e Coordenador do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores, Curitiba, PR.

Artigos



O século XX nasceu tendo como sua grande utopia a realização do *sonho da liberdade e da igualdade*.

A liberdade científica, de pensamento, de expressão, de voto, de locomoção é o grande legado deste século que termina. O sonho de um mundo rico e integrado é parte constitutiva da utopia tornada possível pelo século XX. Isto é atestado pela riqueza produzida, pelas descobertas científicas, a microeletrônica, a biotecnologia, a invenção de novos materiais, a capacidade de locomoção, os meios de comunicação, tendo a Internet como exemplo máximo dessa integração 'on line'. Ou seja, o século XX é, sem dúvida, repetindo o que já é um chavão, o século da tecnociência, apanágio da realização do sonho da liberdade.

O sonho da igualdade, por sua vez, consistia na possibilidade de construir um mundo sem diferenças entre nações, com igualdade plena de renda e consumo entre as pessoas. Esta crença foi compartilhada tanto pela economia do capitalismo liberal quanto pela do socialismo real¹.

De todos os objetivos do século XX, nenhum foi mais desejado e plenamente realizado do que o sonho de um mundo rico e integrado. No entanto, a integração e a riqueza trouxeram um sentimento de fracasso e de mal-estar. Pois, "o século XX, que se inicia com sonhos de igualdade graças ao progresso técnico e ao crescimento econômico, termina com uma desigualdade nunca antes vista na história da humanidade. Se se considera em termos de esperança de vida, acesso aos serviços de saúde e de cultura, disponibilidade de locomoção, a desigualdade era menor entre o nível de consumo do rei Sol e as massas dos camponeses do século XVII do que entre um pobre e um rico no mundo de hoje, independente do país onde eles estiverem. O médico do rei Sol dispunha de recursos mais semelhantes àqueles do camponês de seu tempo do que os recursos que um habitante de classe média do mundo de hoje tem em relação a um pobre de seu país ou do resto do mundo. O mesmo se aplica aos meios de transporte e à alimentação"². Ou seja, quando comparados com o século XVII, todos melhoraram no século XX, mas a diferença e a desigualdade se ampliaram fantasticamente³.

Os Deixados-por-Conta

O relatório publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD⁴ é um testemunho concreto deste fracasso quando, por exemplo, constata que "o consumo mundial se desenvolveu a



um ritmo sem precedentes no decorrer do século XX. As despesas de consumo público e privado chegaram a 24 trilhões de dólares, em 1998. Isto significa duas vezes mais do que em 1975 e seis vezes mais do que em 1950. Em 1900, estas despesas eram (em termos reais) de 1 trilhão e 500 bilhões de dólares". O relatório analisa como "a dinâmica consumo-pobreza-desigualdade-degradação ambiental se acelera". Para o PNUD, "se não houver uma redistribuição entre os consumidores de alta e baixa renda, se não se abandonar os produtos e procedimentos de produção poluidores, se não se favorecer as mercadorias que são necessárias para os pobres e se o consumo ostentatório não deixar espaço à satisfação das necessidades essenciais - os problemas colocados, hoje, pela relação entre consumo e desenvolvimento humano se agravarão".

Os dados do relatório mostram que "nos países industrializados, o consumo por habitante aumenta, regularmente há 25 anos, num ritmo de 2,3% ao ano. Enquanto isto, hoje, um lar africano, médio, consome 20% a menos do que há 25 anos atrás. Os 20% mais pobres do mundo são os deixados-por-Conta pela explosão do consumo. Mais de um bilhão de pessoas estão incapacitadas de satisfazer às suas necessidades essenciais de consumo. Dos 4 bilhões e 400 milhões de habitantes dos países em desenvolvimento, três quintos não têm acesso à infra-estrutura sanitária. Um quarto não dispõe de uma habitação. Um quinto não tem acesso aos serviços de saúde. Um quinto das crianças abandonam a escola antes do quinto ano de escolaridade. Dois bilhões de pessoas no mundo sofrem de anemia. Desses, 55 milhões vivem nos países industrializados".

As desigualdades no consumo são gritantes. Em escala mundial, 20% das pessoas humanas vivem nos países mais ricos e partilham 86% do consumo privado total, contra uma parte ínfima - 1,3% - para os 20% das pessoas que vivem nos países mais pobres⁵.

Explicitando mais ainda, os 20% mais ricos:

- comem 45% da carne. Enquanto os 20% mais pobres consomem 5%;
- consomem 58% da energia total. Enquanto os 20% mais pobres consomem 4%;
- dispõem de 74% das linhas telefônicas. Enquanto os 20% mais pobres dispõem de apenas 1,5%;
- consomem 84% do papel utilizado no mundo. Enquanto os 20% mais pobres consomem somente 1,1%;
- possuem 87% dos veículos que circulam no mundo. Enquanto os 20% mais pobres possuem 1%."



O crescimento do consumo nos últimos 50 anos submete o meio ambiente a pressões sem precedentes, pois a utilização de combustíveis fósseis praticamente quintuplicou desde 1950. O consumo de água doce quase dobrou desde 1960. O consumo de madeira é, hoje, 40% maior do que há 25 anos. A pesca marítima foi multiplicada por quatro.

Esta desigualdade se manifesta, igualmente, no momento em que a globalização surfa sobre a onda das tecnologias da informação e da comunicação. 91% dos usuários da Internet, a rede das redes, cujo potencial e importância para o desenvolvimento são imprescindíveis, são habitantes dos países mais ricos do mundo que correspondem a 19% da população do planeta. A compra de um computador equivale, em média, a mais de 8 anos de salário, em Bangladesh, enquanto que nos EUA ele corresponde a um mês⁶.

A Poluição e a Deterioração dos Recursos

Se, como dissemos acima, um dos desafios da crise ecológica é a questão das fontes não renováveis, segundo o relatório da ONU, este, no entanto, não é o problema mais urgente. Os dois problemas mais prementes, segundo o PNUD, que se constituem em verdadeiros perigos, decorrem dos limites extremos daquilo que a terra pode suportar. Os dois perigos são:

1.- **a poluição e o lixo**, cujo volume excede à capacidade de absorção e de conversão do planeta. As emissões de dióxido de carbono (CO₂) quadruplicaram nos últimos 50 anos. Nos países industrializados, o volume de lixo gerado por habitante praticamente triplicou no decorrer dos últimos 20 anos. Assim, os 20% mais ricos da população mundial nos países mais ricos do mundo são responsáveis por 53% das emissões de dióxido de carbono. Enquanto isto os 20% mais pobres são responsáveis por somente 3%. Os pobres – constata o relatório – são as pessoas mais expostas aos efluentes gasosos e à poluição dos cursos de água. Estima-se que 2 milhões e 700 mil pessoas morrem cada ano devido a poluição do ar. 80% dessas vítimas são pessoas pobres, vivendo no meio rural nos países em desenvolvimento. No entanto, uma criança que nasce no mundo industrializado consumirá e gerará mais poluição, no decorrer de sua vida, do que 30 a 50 crianças que nascem nos países em desenvolvimento.

2.- **a deterioração dos recursos renováveis**: água, florestas, peixes, espécies vegetais e animais.

No que se refere à **água**, vinte países já sofrem de estresse hídrico,



dispondo de menos de 1000 metros cúbicos de água por ano e por habitante. Quanto às reservas de água disponível, em escala planetária, elas passaram de 17 mil cúbicos por habitante, em 1950, para 7 mil metros cúbicos, hoje.

No que se refere às **florestas**, no mundo inteiro, elas – que fixam os solos e impedem a erosão, regulam a circulação da água e contribuem para a estabilização do clima – são cada vez menores. Desde 1970, a cobertura florestal por 1000 habitantes passou de 11,4 para 7,3 quilômetros quadrados. A devastação das florestas atinge todos os países em desenvolvimento.

Enfim, o final do século mostra que foi possível elevar o nível de renda e de consumo de muitos milhões de pessoas aos padrões dos países ricos, independente do país onde vivem. Mas as desigualdades se agravaram e o sonho de identidade global não se consolidou. Percebeu-se que a igualdade é impossível ser alcançada para uma grande parte de bens cujo consumo generalizado destruiria rapidamente o meio ambiente. Ou seja, chegamos ao final do século XX tomando consciência clara da impossibilidade de elevar o consumo de todos ao nível dos ricos. A impossibilidade da igualdade desnuda a ética ao desacreditar as promessas. A riqueza assume sua característica de privilégio, o desejo e o sonho de igualdade entra em choque com o impossível. Em lugar da igualdade o mundo caminhou para o *apartheid*.

Três grandes desafios

Em síntese, este final de século lega ao próximo milênio três grandes conflitos⁷.

O primeiro é o conflito entre a reprodução da Humanidade e da Terra. A terra suporta cada vez menos o nosso crescimento, enquanto que nossas sociedades têm cada vez mais necessidade dele: pois elas “marcham para o crescimento”. Portanto, estamos envolvidos num verdadeiro conflito entre a reprodução das sociedades humanas e a reprodução da Terra.

O segundo conflito se dá entre a reprodução do capitalismo e o da Humanidade. Isto porque, em primeiro lugar, o desenvolvimento do capitalismo é sempre acompanhado pela destruição de formas de produção e do modo de vida anteriores. Em segundo lugar, porque a reprodução do capitalismo está ligada à da sociedade onde ele se desenvolve. E nesta, a sua reprodução está vinculada às camadas sociais que detêm o poder de compra e aos que são portadores do trabalho útil. Assim, numa sociedade extremamente desigual, o capitalismo é capaz de se reproduzir sem precisar,



para isso, incluir todas as pessoas. Ou seja, basta contar com as despesas das classes ricas e com uma parte limitada do trabalho disponível para que ele possa se reproduzir. Isto significa que o capitalismo cada vez mais se autonomiza da sociedade na qual está inserido e a sua reprodução está cada vez menos relacionada à reprodução desta.

O terceiro conflito se dá entre a reprodução do capitalismo (e da parte da humanidade ligada a suas atividades e a seus produtos) e a reprodução da Terra. Esquematizando ao extremo, podemos dizer: A lógica da rentabilidade imediata tem sido a origem de inumeráveis e importantes degradações ambientais no curso dos dois séculos de industrialização do Ocidente. Nós, a Terra e o conjunto das pessoas humanas, estamos à mercê de uma economia que se impõe como a fatalidade do nosso tempo. Tendo como objetivo a inflação dos desejos e a satisfação das demandas dos detentores do poder de compra, esta economia suscita, num mesmo movimento, a opulência, a riqueza, frustrações e miséria, incentiva para o trabalho e joga as pessoas no desemprego, faz viver, enriquecer, arruinar e marginalizar. Suas prioridades são diferentes daquelas que aponta a ética. Suas finalidades ignoram as do humanismo. Ele só tem consideração pelo dinheiro e nenhuma pelas pessoas.

Estes três conflitos fazem com que a humanidade, que foi capaz de superar os seus medos e de enfrentar as ameaças do passado, dispondo de meios técnicos e financeiros imensos, hoje, no entanto, se encontre confrontada com novos perigos que emergem do seu novo poder.

Terminamos o milênio com um nítido mal-estar e insatisfação. Não somente com a realidade mas, mais ainda, com a lógica que ao longo dos últimos séculos a construiu e legitimou. Que lógica é esta? Quais são as suas principais características?

A Lógica Social Capitalista

O capitalismo participa, como lógica social⁸, na reprodução das sociedades humanas somente há cinco séculos. No final do século XX o capitalismo, a maquinaria social mais eficaz na criação das riquezas, se impôs. O capitalismo conseguiu a grande proeza de não mais orientar a produção para a satisfação das necessidades, mas submeteu o conjunto das sociedades à economia. A crença e a esperança da sociedade está centrada no crescimento econômico. Desemprego, pobreza, miséria? A saída é o crescimento econômico, que só a máquina capitalista pode propiciar. Mas este crescimento, se cria empregos e riquezas, cria também o desemprego e a pobreza. Ele



satisfaz as necessidades, multiplicando-as, recriando a insatisfação. O crescimento das necessidades, por sua vez suscita novas necessidades de crescimento. Defrontamo-nos com uma engrenagem sem fim. A mobilização da tecnociência pelas grandes firmas para inventar ou suscitar novas necessidades e, ao mesmo tempo, de novas mercadorias e seus mercados, cria uma aceleração na aceleração. Enfim, como afirma Karl Polanyi: “Todas as sociedades dependem de fatores econômicos. Mas somente a civilização do século XIX (da qual a do século XX é o apanágio) foi econômica no sentido diferente e distinto, pois ela optou por se fundar sobre o ganho, o lucro, cuja validade foi raramente reconhecida na história das sociedades humanas, e nunca, antes, foi levada a ser critério de justificação da ação e o comportamento na vida cotidiana. O sistema do mercado auto-regulador deriva unicamente deste princípio. O mecanismo que o motor do lucro põe em movimento somente pode ser comparado, nos seus efeitos, à mais violenta das explosões de fervor religioso que conhecemos na história. No espaço de uma geração, todo o mundo habitado foi submetido à sua influência corrosiva”⁹.

O Império das Coisas

A lógica e a dinâmica do capitalismo se sustentam na grande transformação que operou na concepção das relações humanas. Ela consiste, fundamentalmente, na primazia das *relações entre as pessoas humanas e as coisas sobre as relações das pessoas humanas com as pessoas humanas*; das *necessidades materiais sobre as relações entre as pessoas humanas e a sociedade*. Ou seja, as relações entre as pessoas humanas passam a ser subordinadas às relações das pessoas humanas com as coisas¹⁰.

Esta grande transformação é revolucionária porque transforma tudo em mercadoria. Ou seja, na sociedade moderna tudo pode ser comprado e vendido, inclusive o trabalho, a terra e o dinheiro. Tudo é transformado em valor de troca, inclusive a pessoa humana, o cidadão e a cidadã. Karl Polanyi ressaltava que “os mercados de trabalho, da terra e da moeda são, sem nenhuma dúvida, essenciais para a economia de mercado. Mas nenhuma sociedade poderá suportar, a não ser por um período muito breve, os efeitos de um tal sistema fundado sobre ficções tão grosseiras, se sua substância humana e natural, como sua organização comercial, não forem protegidas contra esta fábrica do diabo”¹¹.

A quantidade passa a ser a medida da existência. Todas as diferenças são puramente quantitativas. A diferença qualitativa entre os sujeitos é neutralizada. A visibilidade das necessidades das pessoas é reduzida à forma das mercadorias. O máximo de liberdade coincide com a extrema visibilidade das necessidades na forma de mercadoria¹².



F. Braudel caracteriza o capitalismo como um sistema voltado para a produção e o comércio das mercadorias visando a busca do lucro pela **acumulação**. Trata-se não, simplesmente, de uma acumulação mecânica, aritmética, mas de uma estratégia de acumulação, que é tão profundamente ancorada no sistema quanto a pulsão de vida num organismo vivo. Karl Marx foi o primeiro a descrever como esta lógica do lucro funda os processos de acumulação que constituem o centro da reprodução alargada dos processos produtivos e das relações sociais capitalistas.

Depois dele, Schumpeter¹³ mostrou que a **inovação** é a fonte de uma ruptura histórica maior: a passagem das reproduções estáticas, que tinham caracterizado as sociedades anteriores, às reproduções dinâmicas que caracterizam as sociedades capitalistas. Para ele, as coerências produtivas que precederam o capitalismo eram principalmente cíclicas: ciclos de estações, ciclos de bons anos (vacas gordas) e de maus (vacas magras); o capitalismo, no entanto, é dinâmico, inovação, crescimento, mudança radical de modos de produção e de vida, prosperidade e crises.

Esta força inovadora manifesta toda a sua imponentia, no final do século XX, na revolução tecnológica. A inovação parece não ter fim. A sua força é acumulativa e encurta cada vez mais o ciclo de vida dos produtos que se elaboram em ritmo quase frenético. A tecnociência colocada a seu serviço, impulsiona ainda mais a tríplice dinâmica capitalista de acumulação-inovação-mercantilização.

Esta tríplice dinâmica é **estruturante**, pelo fato que ela suscita, permanentemente, como o afirma Schumpeter, processos de “destruição criativa”. Destruição de outras formas produtivas, de antigas formas sociais, de recursos e criação de novas atividades, de novos mercados, de novas necessidades. Ela é **englobante**, já que ela tende a integrar os indivíduos, os atores, as instituições que participam do mundo mercantil: alimentando-se das necessidades de trabalhar de uns, dos desejos de criar dos outros, das necessidades de viver, de ter, de fazer, de consumir de todos os que são detentores do poder de compra.

Como o entendeu bem Karl Polanyi, “nunca na economia humana, o ganho e o lucro tiveram um papel tão central quanto no capitalismo”.

O Neoliberalismo

Uma outra característica fundamental do capitalismo consiste na



instauração do *individualismo como categoria central de compreensão e decisão das pessoas na sociedade moderna*. Ele molda a sociedade a tal ponto que ele se constitui na “configuração ideológica moderna”¹⁴.

O **neoliberalismo**¹⁵ torna a ação coletiva cada vez mais difícil na medida em que o social como princípio de experiência comunitária desaparece¹⁶. O indivíduo é concebido na sua identidade abstraindo das suas relações com os demais. Há aqui uma negação da alteridade que significa uma quebra da interrelacionalidade. A presença do outro não mais suscita apelo à colaboração, mas sim desejo de instrumentalização. Tornamo-nos uma multidão anônima, sem rosto, raízes ou futuro comum¹⁷.

A instauração do princípio do individualismo permitirá que o capitalismo passe a afirmar que é economicamente racional tudo aquilo que leva à maximização da vantagem própria¹⁸. Racionalidade que possibilitará a elaboração de *um programa de destruição metódica dos coletivos*, que, na feliz constatação de P. Bourdieu, é a essência do pensamento neoliberal¹⁹.

O Poder-Dominação

O capitalismo como lógica e dinâmica social se funda na instauração, pela sociedade moderna, da ficção, que se constitui num verdadeiro *mythos*, do **poder-dominação**.

Segundo o direito romano, pagão, o *dominium* remonta à *facultas* que possui o poder de fazer o que se quer com aquilo que se tem, de modo tal que um direito de propriedade é tanto “o direito de troca” como o “direito de fazer uso de”. O *dominium* ou “o privado”, que para o direito romano era em princípio o natural e “caótico” a ser restringido pelas leis da justiça, na modernidade penetrou no *fórum* para abolir de vez o antigo espaço público. Hobbes e Grotius, afirmarão uma origem fundamentalmente comum tanto para a propriedade privada como para a soberania estatal²⁰. A propriedade privada “irrestrita”, a “soberania absoluta” e os “direitos ativos” que compõem o objeto de “puro poder” da nova política são, todos eles, emanações de uma nova antropologia que começa com pessoas humanas como indivíduos e, no entanto, define a sua individualidade fundamentalmente como “vontade” ou “capacidade” de poder. Esse domínio da lógica e da *potentia absoluta* é levado ao auge por Hobbes quando afirma: “O direito da Natureza, mediante o qual Deus reina sobre os homens e pune aqueles que violam suas Leis, deve ser derivado não do fato de ele o ter criado, como se exigisse obediência como gratidão pelos seus benefícios, mas do seu *Poder Irresistível*”²¹. “Não bondade e verdade, mas *poder* tornou-se a

qualidade principal da divindade” – anota, pertinentemente, J. Moltmann²².

Na construção desse *mythos*, que formula uma nova antropologia e uma nova “ciência” política, a teologia contribuiu de duas maneiras: a) - ela garantiu que os homens quando gozam de direitos de propriedade irrestritos e desimpedidos e, mais ainda, quando exercem os direitos da uma soberania que “não pode obrigar a si mesma”, se aproximam mais da *imago dei*; b)- ao abandonar a participação no Ser e na Unidade em troca de uma “aliança” entre Deus e os homens, a teologia forneceu um modelo “contratual” para as relações entre as pessoas. Não é por acaso que em Molina, teólogo jesuíta espanhol do século XVI, uma identificação do *dominium* com o *ius* foi acompanhada da idéia de que existe uma área da liberdade humana “pura” em resposta à graça, ao passo que, para o tomismo, mesmo a nossa liberdade é, sem deixar de ser liberdade, misteriosamente determinada por Deus²³. Portanto, a teologia ajudou a criar um novo espaço para a manobra e a ação humana sobre a natureza, o cosmo, as pessoas.

Como pode, porém, a pessoa humana alcançar poder, para assim, tornar-se *imago Dei*? Através da ciência e da técnica. Ou seja, esse poder-dominação ganha corpo histórico-social na tecnologia. Ela se torna o instrumento (*techné*) que se constitui na forma primordial do relacionamento da pessoa humana com a natureza. Mais. Fazemos da própria natureza, do cosmo e, hoje, inclusive, do código genético, instrumento para o nosso propósito de poder-dominação. Ele é a manifestação da nossa liberdade. Pois, a implicação rigorosa da modernidade é: “a liberdade só é realidade como poder”²⁴.

Esse poder irresistível que se substantiva na relação com a natureza, é formidavelmente expresso por Descartes, no *Discurso do Método*, em 1637²⁵ onde os homens modernos são instados a serem “mestres e possuidores da natureza”. Este é o ideal que está no coração de toda dinâmica do Ocidente nos últimos séculos. Essa atitude instrumental rompe com a imediatez, com o contato direto, com a experiência de pele em relação à natureza. Entre nós e a natureza se interpõe o instrumento. Dessa forma se rompe a solidariedade básica que nos une a tudo no cosmo e na Terra.

O instrumento, por sua vez, demanda um tipo de racionalidade adequada que é instrumental-analítica. A razão instrumental é uma razão subjetiva. Está apenas no ser humano e nos seus interesses. Ela estabelece as razões que convêm a esses interesses, especialmente as razões do poder. Coloca numa instância subordinada a razão objetiva que se realiza no processo cósmico há bilhões de anos, nos inter-retro-relacionamentos de todos com

todos. Quando esta é captada, vem logo submetida à razão subjetiva, vale dizer, aos interesses do poder, desconsiderando o valor intrínseco dos seres da natureza e fazendo-os logo meios (instrumento) para fins da subjetividade humana, normalmente de lucro e de bem-estar individual²⁶. Enfim, a razão científica se identifica com a razão instrumental, “uma razão cujo interesse central é o lucro e a dominação”²⁷.

Assim, constatamos que, na entrada do novo milênio, controlamos o conhecimento da força mas não conseguimos controlar o uso da força. O progresso material, além de ser visto como a razão do processo civilizatório, foi confundido com o avanço técnico, que passou a subordinar a racionalidade econômica, desprezando os objetivos sociais e ignorando os valores éticos²⁸.

Esta razão técnico-instrumental, manifestação do domínio como vontade de poder, se impôs na nossa cultura pela ditadura do modo-de-ser-trabalho²⁹. Na nossa civilização predomina o trabalho como busca frenética de eficácia, como afã nervoso de produção e ânsia incontida de subjugação da Terra. A revolução industrial instaura com vigor uma verdadeira ditadura do modo-de-ser-trabalho como intervenção, produção e dominação. O trabalho não é mais relacionado com a natureza (modelação), mas com o capital³⁰. O trabalho é reduzido a trabalho assalariado, uma mercadoria que se vende e que se compra. As pessoas vivem escravizadas pelas estruturas do trabalho produtivo, racionalizado, objetivado e despersonalizado, submetidas à lógica da máquina. Enfim, “a ditadura do modo-de-ser-trabalho-dominação está atualmente conduzindo a humanidade a um impasse crucial: ou pomos limites à voracidade produtivista associando trabalho e cuidado, ou vamos ao encontro do pior. Pela exasperação do trabalho produtivo se exauriram recursos não renováveis da natureza e se quebraram os equilíbrios físico-químicos da Terra. A sociabilidade entre os humanos se rompeu pela dominação de povos sobre outros e pela luta renhida das classes. Não se vê outra coisa no ser humano senão sua força de trabalho a ser vendida e explorada ou sua capacidade de produção e de consumo. Mais e mais pessoas, na verdade 2/3 da humanidade, são condenadas a uma vida sem qualquer sustentabilidade”³¹.

A racionalidade moderna, que instaura o *mythos* do poder-dominação, cria a ficção de que a pessoa humana está sobre tudo e todas as coisas e que ela é, fundamentalmente, o homem, o macho. É esta a idéia que o ser humano, compreendido pessoal e coletivamente, faz de si mesmo e de sua posição no universo. É ela que determina e define a sua relação para com a natureza, para com a Terra e para com o seu destino.

A lógica do ser-no-mundo no modo de trabalho, que é a expressão do poder-dominância, configura o situar-se sobre as coisas para dominá-las e colocá-las a serviço dos interesses pessoais e coletivos. No centro de tudo se coloca o ser humano, dando origem ao **antropocentrismo**. “O antropocentrismo instaura uma atitude centrada no ser humano e as coisas têm sentido somente na medida em que a ele se ordenam e satisfazem seus desejos. Nega a relativa autonomia que elas possuem. Mais ainda, olvida a conexão que o próprio ser humano guarda, quer queira quer não, com a natureza e com todas as realidades, por ser parte de um todo. Por fim, ignora que o sujeito derradeiro da vida, da sensibilidade, da inteligibilidade e da amorização não somos, em primeiro lugar nós, mas o próprio universo, a Terra. Ela manifesta sua capacidade de sentir, de pensar, de amar e de venerar por nós e em nós. O antropocentrismo desconhece todas estas imbricações”³² e é capaz de fazer do homem um verdadeiro Satã da Terra.

Este antropocentrismo, quando considerado historicamente, se desmascara como **androcentrismo**. “É o varão e macho que se autoproclama senhor da natureza e não tanto a mulher. Esta é considerada por ele mesmo como parte da natureza que ele deve possuir com exclusividade, domesticar e submeter à sua lógica racional, objetiva e voluntarista. Por isso o varão centrado em sua masculinidade excludente tende a reprimir o que estiver ligado ao feminino nele e na mulher: a dimensão da espontaneidade da natureza, a emergência das energias vitais e livres, a sensibilidade, a lógica do coração e da ternura, a capacidade de captar a mensagem das coisas e o *esprit de finesse* para as dimensões do mistério e do sagrado. Ele se rege pelo *esprit de géométrie* como genialmente o expressou Blaise Pascal, vale dizer, pela frieza do conceito, pelo cálculo racional e pela estratégia da eficácia. E introjetou nas mulheres esta autocompreensão do ser humano como um todo, alienando-as de sua própria singularidade como mulheres”³³. A atitude de trabalho-poder sobre o mundo corporifica a dimensão do masculino no homem e na mulher.

Por um novo paradigma civilizacional

O século XX termina com um saldo onde o sonho, quando realizado, como no caso da liberdade, foi maior e mais retumbante do que o prometido. Mas, ao mesmo tempo, onde o sonho não se realizou, como no caso da igualdade, o fracasso é rotundo. Assim que, como o constata Cristóvam Buarque, se iniciamos o século XX com um paradigma definido, o século XXI começa sob o signo da incerteza³⁴. Na entrada do novo milênio emerge o desafio da necessidade de construir uma nova lógica, uma nova dinâmica,

um novo contrato social, enfim, um novo paradigma civilizacional³⁵. Ou como afirma J. Moltmann, “o projeto da civilização científico-técnica moderna se tornou o destino da humanidade. Nós não podemos continuar neste caminho, como o fizemos até agora, caminhando para a catástrofe universal, nem nos retirar deste projeto para que o mundo morra sem nós. O que nos resta é a reforma profunda do mundo moderno com o objetivo de operar uma mudança radical, antes que seja tarde demais. É necessário que inventemos de novo o mundo moderno! É urgente que livremos o futuro da violência que emana do mundo moderno! Libertemos a esperança enquanto categoria teológica das ruínas da razão histórica moderna!”³⁶.

Na construção desse paradigma as grandes religiões podem ter um papel importante³⁷. Qual a contribuição específica que a tradição cristã pode dar na formulação deste novo paradigma, capaz de libertar o próximo milênio da violência que é constitutiva do paradigma civilizacional forjado pela razão moderna³⁸? Isto, sem dúvida, pode ser um tema para um outro artigo³⁹. Se a democracia é a forma política, forjada pela época moderna e consolidada no século XX, na qual se expressa o sonho da liberdade, cabe ao século XXI, albor do terceiro milênio, forjar a figura econômica capaz de expressar o sonho da igualdade. O cristianismo, juntamente com as outras grandes religiões, pode dar uma contribuição muito importante na formulação de uma nova antropologia e uma nova espiritualidade capazes de erigir uma ética da responsabilidade, da compaixão e do cuidado.

Notas

¹ Cf. BUARQUE, Cristóvam, “O pensamento em um mundo Terceiro Mundo”, In: BURSZTYN, M. (org.), **Pensar o Desenvolvimento Sustentável**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1993, p. 68. Cf. também SANTOS, Boaventura de Sousa, **“Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade**, Ed. Afrontamento, Porto, 1994, especialmente pp. 69-101.

² BUARQUE, C., op. cit. p. 69.

³ Para uma visão panorâmica da discussão filosófica do conceito de igualdade e diferença cf. KERSTENETZKY, Celia Lessa, “Desigualdades justas e igualdade complexa”, **Lua Nova** no. 47/1999, p. 5-26. Confira também VAN PARIJS, Philippe, “Économie” e BIDET, Jacques, “Égalité” em: **Dictionnaire d'éthique e de philosophie morale**, sous la direction de Monique Canto-Sperber, PUF, Paris, 1997, 2ª ed.

⁴ **Rapport Mondial sur le Developpement Humain** 1998, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD. A edição francesa, que é a nossa fonte, foi editada por Economica, Paris, 1998. Os dados, citados a

seguir, salvo outra indicação, são deste relatório.

⁵ Entre 1994 e 1998, a progressão no patrimônio das 200 pessoas mais ricas do mundo, das quais 17 são da América Latina, foi de 500 dólares por segundo. O patrimônio das 3 pessoas mais ricas do mundo corresponde ao conjunto do Produto Nacional Bruto dos países menos desenvolvidos, onde vivem 600 milhões de pessoas. Os dados são do **Rapport Mondial sur le Développement Humain 1999**, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), editado pelo De Boeck Université, Paris, Bruxelles.

⁶ **Rapport Mondial sur le Développement Humain 1999**, op. cit.

⁷ BEAUD, Michel, **Le Basculement du Monde. De la Terre, des hommes et du capitalisme**, Éd. La Découverte, Paris, 1997.

⁸ F. Braudel descreve o capitalismo não somente como um “modo de produção” se inscrevendo na infra-estrutura produtiva, nem como um simples “sistema econômico”. Ele se inscreve ao mesmo tempo, tanto na dimensão social e política quanto na ideológica, do conjunto da sociedade. Isto é, trata-se, aqui, de uma lógica social complexa que, levada por uma multidão de atores, se traduz em dinâmicas, engrenagens, espirais, bloqueios e crises. Uma lógica social que engendra uma totalidade, totalidade social que é, ao mesmo tempo territorializada e mundial. Cf. BRAUDEL, Fernand, **Civilização Material, Economia e Capitalismo. Séculos XV-XVIII. O Tempo do Mundo**, Vol. 3, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1996.

⁹ POLANYI, Karl, **A Grande Transformação. As Origens da Nossa Época**, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1980.

¹⁰ Esta intuição foi formulada pelo antropólogo L. Dumont na importante obra para compreender a época moderna **From Mandeville to Marx. The genesis and triumph of economic ideology**. Aqui citamos a tradução francesa DUMONT, L., *Homo aequalis, Genèse et épanouissement de l'idéologie économique*, Gallimard, 1977.

¹¹ POLANYI, Karl, **A Grande Transformação...**, op. cit.

¹² DEBORDE, Guy, **A Sociedade do Espetáculo**, Ed. Contraponto, Rio de Janeiro, 1997.

¹³ SCHUMPETER, Joseph A., **Capitalismo, Socialismo e Democracia**, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1984.

¹⁴ DUMONT, Louis, **O Individualismo. Uma perspectiva antropológica da sociedade moderna**, Ed. Rocco, Rio de Janeiro, 1985, p. 21.

¹⁵ O conceito é formulado por LIPOVETSKY, Gilles, **El Crepúsculo del Deber. La ética indolora de los nuevos tiempos democráticos**, Ed. Anagrama, Barcelona, 1994. G. Lipovsky é um apologista do individualismo. Para uma crítica ao autor cf. RENAUT, Alain, **O Indivíduo. Reflexão da Filosofia do Sujeito**, Ed. Difel, Rio de Janeiro, 1998. Confirma também GUILLEBAUD, Jean-Claude, **A Tirania do Prazer**, Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1999.

¹⁶ BARCELLONA, Pietro, **O Egoísmo Maduro e a Insensatez do Capital**,

Ed. Ícone, São Paulo, 1995. Cf. também OHAME, Kenichi, **O Fim do Estado Nação**, Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1996, onde o autor descreve a geração Nintendo para a qual “os sonhos de felicidade são pequenos, transitórios, intensamente pessoais e nada têm a ver com a família, com a sociedade ou com o país” (p. 29);

¹⁷ Richard Sennett, **A Corrosão do Caráter - Conseqüências Pessoais do Trabalho no Novo Capitalismo**, Ed. Record, Rio de Janeiro - São Paulo, 1999;

¹⁸ Para uma crítica deste princípio cf. SEN, Amartya, **Ética ed Economia**, Editori Laterza, 1988, p. 23-24 e p. 98.

¹⁹ BOURDIEU, P., “A essência do neoliberalismo. Esta utopia, em via de realização, da exploração sem limites”, publicado originalmente no **Le Monde Diplomatique** mars 1998, p. 3 e traduzido para o português em **CEPAT Informa** no. 39/1998, p. 10-16;

²⁰ Para toda esta parte cf. o excelente livro MILBANK, John, **Teologia e Teoria Social. Para além da razão secular**, Ed. Loyola, São Paulo, 1995, p.27.

²¹ Hobbes, **Leviathan**, parte II, cap. 31; Carl Schmitt, **Politische Theologie: Vier Kapitel zur Lehre von der Souveranität**, Munique, 1935, pp. 71, 49-66, citados por MILBANK, John, **Teologia e ...**, p. 30.

²² MOLTMANN, Jürgen, **Deus na Criação. Doutrina Ecológica da Criação**. Vozes, Petrópolis, 1993, p. 51.

²³ Cf. MILBANK, John, **Teologia e...**, p. 30.

²⁴ Cf. MILBANK, John, **Teologia e...**, op. cit. . E o autor afirma: “A extensão igualitária rousseauiana-kantiana da liberdade viu-se transformada na extensão assimétrica do poder – a promoção do mais forte, do mais resistente, do mais capaz”.

²⁵ DESCARTES, René, **Discours de la méthode**, 1637, in *Oeuvres et Lettres*, Paris, Gallimard, La Pléiade, 1952.

²⁶ BOFF, Leonardo, **Ecologia, Grito da Terra. Grito dos Pobres**, Ática, São Paulo, 1995, p. 114-115.

²⁷ MOLTMANN, Jürgen, “Le Rôle du Théologique dans le Projet de la Modernité”, **Revue de Théologie et de Philosophie**, 128, 1996, p. 52. Cf. também MOLTMANN, Jürgen, **L'Avvento di Dio. Escatologia Cristiana**, Queriniana, Brescia, 1998, p. 207-252.

²⁸ Cf. BUARQUE, C., art. cit.;

²⁹ Cf. BOFF, Leonardo, **Saber Cuidar. Ética do Humano – Compaixão pela Terra**, Ed. Vozes, Petrópolis, 1999, p. 92-106.

³⁰ Cf. GORZ, André, **Misères du Présent. Richesse du Possible**, Galilée, Paris, 1997. GORZ, André, **Capitalisme, Socialisme, Écologie**, Galilée, 1991.

³¹ BOFF, Leonardo, **Saber Cuidar...** op. cit. p. 98.

³² BOFF, Leonardo, **Saber Cuidar** ..., p. 94-95.

³³ BOFF, Leonardo, **Ecologia**... p. 113.

³⁴ BUARQUE, C., art. cit.;

³⁵ Leonardo Boff descreve, nos seus últimos livros, citados acima, a urgência de um novo paradigma civilizacional. Boaventura de Sousa Santos, analisando a crise do paradigma vigente nas ciências sociais, postula um novo contrato social – cf. SANTOS, Boaventura de Sousa in: Vários Autores, **A Crise dos Paradigmas em Ciências Sociais e os Desafios para o século XXI**, Ed. Contraponto, Rio de Janeiro, 1999. Hans Küng se empenha na construção de um Projeto para uma Nova Ética Global, pois, para ele “não haverá sobrevivência do globo sem uma ética global” – cf. KÜNG, Hans, **Projekt Weltethos**, R. Pieper GmbH, Munique, 1990. A necessidade da formulação de um outro paradigma é a proposta de MOLTSMANN, Jürgen, **L’Avvento di Dio. Escatologia Cristiana**, Queriniana, Brescia, 1998, p. 207-226 e no artigo “Le Rôle ...”, art. cit. Cf. também **CEPAT Informa**, no. 55/1999, p. 9-15, onde se encontra uma síntese da análise de J. Moltmann. Jean-Claude Guillebaud insiste no que denomina a refundação do mundo. Cf. GUILLEBAUD, Jean-Claude, **La Refondation du Monde**, Seuil, Paris, 1999.

³⁶ MOLTSMANN, J., “Le Rôle du ...” art. cit.;

³⁷ Esta, por exemplo, é a intuição de Hans Georg Gadamer. Cf. a longa entrevista publicada no jornal eletrônico **Caffé Europa** e traduzida no **CEPAT Informa** no. 55/1999, p. 25-27. Cf. também **CEPAT Informa** no. 54/1999, p. 55-56. John Naisbitt acaba de lançar o livro **High Tech/High Touch: Technology and Our Search for Meaning**, Nicholas Brealey Publishing, 1999 onde afirma: “Não podemos falar somente de tecnologia, mas devemos escutar os homens das religiões capazes de nos explicar outros conceitos e valores: o bem, a pureza, o amor” – cf. **CEPAT Informa** no. 56/1999.

³⁸ O conceito de paradigma o usamos na acepção de KUHN, Thomas, **Estrutura das revoluções científicas**, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1998, 5ª ed. Ou seja, paradigma significa “toda uma constelação de opiniões, valores e métodos etc. participados pelos membros de uma determinada sociedade”, fundando um sistema disciplinado mediante o qual esta sociedade se orienta a si mesma e organiza o conjunto de suas relações.

³⁹ Cf. NEUTZLING, Inácio, “*Por uma Sociedade e um Planeta Sustentável. A possível contribuição do Humanismo Social Cristão na construção de um novo paradigma civilizacional*”, conferência apresentada no Simpósio Internacional sobre Humanismo Social Cristão, na UNISINOS, em outubro de 1999. O livro deste Simpósio está sendo impresso pela Editora Unisinos.

Endereço do Autor:
Cx. Postal 101
93000-970 São Leopoldo RS

O artigo é uma breve contribuição para a Espiritualidade do Jubileu, esse “tempo sagrado”, “ano de graça e de misericórdia” que temos agora o privilégio de celebrar. A Autora lembra que o Jubileu se processa em duas vias: é “Deus procurando o ser humano” e “o ser humano à procura de Deus”. Reflete também sobre o Jubileu “e a política da terra”, o Jubileu e “a sociedade de consumo”, o Jubileu e “a cultura da privatização”, o Jubileu e “a cultura da solidariedade”, terminando por acenar à dimensão profética e apocalíptica do Jubileu, a dimensão do “êxodo rumo a uma nova terra e um novo céu, na esperança de que se façam novas todas as coisas (Ap 21,5).

ESPIRITUALIDADE DO JUBILEU

Ir. Elizabeth Mendes
Mestra em Teologia Espiritual e Franciscanismo e Professora no ITESC